Perfil

Respondo a cultura 24 horas

BEATRIZ TEIXEIRA DE SALLES

Aos 36 anos, Eleonora Santa Rosa carrega no currículo a autoria das leis de incentivo fiscal à cultura, tanto estadual quanto municipal, e a edição de mais de 40 publicações na área cultural. Para quem conhece aquela mulher baixinha, agitada e falante, sua performance não chega a surpreender. Eleonora é assim: competência e inteligência concentradas, em permanente ebulição. Ela considera que deu sorte ao iniciar sua vida profissional, quando cultura ainda era considerada assunto de perfumaria. Hoje, com toda a experiência que acumulou no setor, ensina: "Cultura não se faz só com verba, se faz com muita verba", alertando para a profissionalização desse mercado que, na sua opinião, é o caminho do futuro.

SIDNEY LOPES

ELEONORA CONSIDERA um prazer ter nascido com a sina de trabalhar com cultura

EM – *Você começou a trabalhar com produção e marketing cultural numa época em que isso ainda era novidade. Qual é a sua formação?*

Eleonora – Ao contrário do que muita gente imagina, não sou historiadora, nem advogada, como muita gente acha pelo fato de ter feito as leis estadual e municipal de incentivo à cultura. Sou formada em Comunicação Social pela Federal, na área de Jornalismo. Entrei na área de cultura em 1983, quando vim fazer um estágio na Fundação João Pinheiro (FJP).

***EM** – O que você fazia nesse estágio?*

Eleonora – Fui para a Assessoria Técnica da Presidência, dirigida pelo Afonso Avila, que tinha um caráter especial, porque reunia com vários tipos de projetos na área de cultura. Em 84, foi trabalhar com um grupo que foi meu grande sucesso de captação financeira até hoje. Foi o seminário "Sociedade, Cultura, Tecnologia", onde a gente discutiu os impactos da tecnologia, particularmente da informática, na cultura e na sociedade. Trouxemos a nata da inteligência brasileira para Minas e fizemos uma vasta programação cultural, numa época em que não se falava em novo interesse cultural ou incentivo cultural.

***EM** – Como era feita a captação de recursos?*

Eleonora – Você captava com amigo e o coragem. Era ter bom senso, um pouco de consulta e meter a cara. Era o seminário era um evento caro. Foi fazia uma espécie de coordenação executiva, na verdade, carregava o piano. Aos 23 anos, fui tratar de conseguir grana. Era muito engraçado, porque, na ocasião, você não se dirigia ao diretor de marketing, você se dirigia ao presidente do banco ou da empresa. Algumas colegas riam de mim, dizendo: "Você é muito desinibida". Certamente, foi o contrário. A primeira doação foi do Banco, que liberou 1 milhão de ou sé lá que moeda na época. Logo depois viemos empresas, que foi levantando a parte de cadernos de informática que eu coleciona. Conseguimos captar 14 empresas que pagaram todo o evento.

***EM** – Você considera esse seminário o seu batismo na área?*

Eleonora – Foi minha escola de produção cultural, minha primeira experiência de capitação. E também a primeira vez que fiz uma publicação. Entre 84 e 85, a gente produziu a publicação dos anais do seminário. O coordenadorado de minha carreira veio daí. Acho que foi muito feliz nessa minha primeira experiência profissional, e tive a sorte de poder começar com o pé direito.

***EM** – Então sua primeira atividade foi na Fundação?*

Eleonora – Não, antes foi bolsista da UFMG, e passei uma semana trabalhando na Pão & Companhia. Quase morri de carregar aquela cesta de não maior do que eu, fui o empregado mais motorizado que se tem. Aos pouco sobrei para Rede Globo a chegada, na época do Tancredo.

***EM** – Vamos retornar sua trajetória na Fundação João Pinheiro.*

Eleonora – Fiquei como estagiária na FJP em 83 e 84. Depois fui contratada como consultora. Em 85, fui dirigindo como técnica, já estão na sua diretoria chamada "Assessoria Técnica a Programas Especiais", que tinha à frente uma pessoa extraordinária que é o Maurício Andrés. Na gestão do Hélio Gravatá Pereira de Ávila – um cara visionário, que sempre reconheço a importância da área de cultura – a diretoria virou Centro de Estudos Culturais. Fui alçada a gerente de estudos e produções culturais.

***EM** – Você tinha alguma formação na área de elaboração de projetos culturais?*

Eleonora – Não, fui nessa época que aprendi a fazer projetos. Não existia no Brasil projeto, marketing ou patrocínio cultural. Me formei lendo jornais, revistas, estudando publicações especializadas e cursos que aconteciam. A própria FJP foi um universo de aprendizado imenso. Nessa época cada diretoria tinha de gerar uma nota financeira. Por delegação, então, passei a ter claramente o exercício de metas. Eu nunca desacreditei que não, você não consegusse o patrocínio.

***EM** – A FJP então foi sua grande escola?*

Eleonora – Vejo que hoje estou chegando a outro momento na minha vida, mas já tive a oportunidade de trabalhar com gente muito boa, que produzia e ver o resultado dessa produção.

***EM** – Alguns trabalho que você queira destacar desse início?*

Eleonora – Um seminário sobre o bicentenário da Revolução Francesa e da Inconfidência Mineira. Foi um dos maiores eventos feitos no Brasil para dimensionar a data. Foi muito satisfatório, porque até hoje, dez anos depois, vírias pessoas procuram a FJP para ter o material produzido pelo conferencistas. Foi uma experiência muito legal, em Ouro Preto, com uma programação cultural de altíssimo nível, intelectuais de peso internacional trazendo textos inéditos. O seminário foi integralmente financiado, sem um tostão de incentivo. Na época, eu também era coordenadora de vídeos culturais. Durante 87, 88 fizemos mais de 18 vídeos: o "Roteiro de Minas" para o lepha, uma série de 7 "Cadernos Culturais em Debate" etc. Foi dessa ocasião, 87, o primeiro tremmento de produções culturais. Antes a atividade era muito de ceibulada, hoje o mercado não existia mais amadorismo.

***EM** – Por certo período você trabalhou na Secretaria Municipal de Cultura, não foi?*

Eleonora – Em 89, a Berenice Menegale assumiu a Secretaria Municipal de Cultura e, em outubro, me convidou para trabalhar com ela. Foi a primeira secretaria municipal de Cultura, até então era cultura, hoje era não era só cultura, era já quase parada de sair de uma Fundação João Pinheiro e eair numa prefeitura. Eu passei a cuidar do setor, todos os meus dos de que poderesse não dar certo. Assumi a direção de planejamento e coordenação cultural.

***EM** – Como foi essa mudança?*

Eleonora – Me lembro até hoje do impacto. Quando entrei no prédio, foi o choque mesmo. Aquela arquitetura francesa que essa área sempre teve. A secretaria estava começando. Minha equipe, na verdade, só estava trabalhava com credenciamento de bolsas. Realmente, capacitamos uma equipe, equipamos o ambiente. A diretoria virou referencial na Secretaria Municipal de Cultura, fizemos trabalhos fantásticos. Foram três anos e meio. Foi muito gratificante, eu e com a Maria Antonieta Cunha. A Berenice é uma pessoa que sempre respeitei profundamente, e foi outra oolente oportunidade profissional trabalhar com ela.

***EM** – Qual era sua atuação na secretaria?*

Eleonora – Cabia à minha equipe fazer os projetos especiais da secretaria e da vinculada. Eu, na minha atividade de projetos para dar pareceer e centivo à Cultura. Eu já era, franca estudiosa das legislações do incentivo à cultura. Quando Antonieta entrou, eta também deu curta brasa para que a gente pudesse fazer o projeto. Não emplacamos a lei como queríamos, mas conseguimos a aprovação. Tenho orgulho de ter tido um papel muito grande nisso.

***EM** – Por que você achou deixar a secretaria?*

Eleonora – Não concordava com os caminhos que se desenhavam para a frente e acho que nessa hora há que se ter coragem para pedir o boné. Você muna pode se trair, é uma questão ética, não é estar de acordo você bem um salário. Foi uma época muito difícil. Minha consciência não que na gestão da Antonieta, não por ela, conhecei um universo de conflitos ideológicos que se perder a integridade. Vivi confrontos ideológicos convulsionais e estéticos.

***EM** – Quais outros trabalhos você teve à frente na secretaria?*

Eleonora – Na época da Antonieta, fiz tratar de grandes eventos que ia mês a maior honra de ter feito. Um deles foi "Os 30 anos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda", um evento marcantíssimo em BH. Outro foi a Agenda Metrópole. Fizemos uma pesquisa a fundo sobre a cidade do Cine Metrópole, dez anos antes, uma exposição, um vídeo e um livro. O projeto Metrópole gerou uma discussão interna muito calorosa. Pessoas que hoje se colocam defensoras do patrimônio, naquela ocasião foram contra, porque achavam que o projeto revolveria feridas não cicatrizadas com a ditadura civil. Hoje, quando vejo essas guardiões do patrimônio histórico, acho uma ironia.

***EM** – Você teve uma rápida passagem pelo Museu de Arte da Pampulha. Como foi isso?*

Eleonora – Dirigi o Museu de Arte da Pampulha durante dois meses (agosto e setembro de 93), quando a Priscila Freire não pôde assumir. Tive a honra de poder dirigir e organizar exposições interessantes. Uma delas foi em homenagem à Lygia Clark, de quem não se falava na época. Outra foi a "Ladoeeta da Pampulha", com o Guilherme Mansur e o Angelo Marzano.

***EM** – Como aconteceu seu retorno à Fundação João Pinheiro?*

Eleonora – Em dezembro de 93, quando decidi me retirar da Secretaria Municipal de Cultura, recebi um convite para voltar para a FJP, assumindo o Centro de Estudos Históricos e Culturais, que era meu legado de origem. Vivi uma situação extremamente difícil. A diretoria estava acéfala há alguns meses, as pessoas estavam com a baixo-estima agravada, não tinha equipamento, a infra-estrutura estava precaríssima, havia projetos parados. Eu tinha cinco meses para botar a diretoria em pé. Para minha satisfação, quando terminei a gestão, a diretoria tinha outra cara: 80% da equipe foi renovada, resolvemos todos os problemas pendentes de negociação de projetos e, entre outras coisas, fizemos a Celção Mineiriana. Hoje como uma das minhas metas para Mineiriana e fiz-la existir. Posso dizer com a maior orgulho que a cara o o tem da Mineiriana foram dados por mim. Eu já imaginava que a coisa seria um sucesso, mas nunca pude conceber que seria tão violento quando fechei minha gestão em dezembro de 94, pensei: pôxa, não precisa mais nada.

***EM** – Em seguida, na gestão do Roberto Martins, foi criada a Lei Estadual de Incentivo à Cultura, não?*

Eleonora – Na gestão dele, além da produção da Celção Centenário, através da FJP, eu fiz assessoria à Secretaria de Estado da Cultura. Uma das coisas legais que fizemos foi a redação da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, onde fiquei encarregada de sua criação, da regulamentação e implantação. Para mim foi muito gratificante. Outra foi um decreto que criaríaiam as verbas na área da cultura, de forma que a gente conseguisse levar mais dinheiro para a SEC, sem onerar os cofres públicos.

***EM** – De tanto trabalho, você teve um problema de saúde, não foi?*

Eleonora – Adoeci e sai de campo. O estresse me fez ver que tenho limites, meus valores mudaram um pouco. A primeira coisa que percebo hoje é a família e minha relação de casamento. Cada vez estou mais qualitativa, e não quantitativa. Quero que meu trabalho seja um prazer.

***EM** – E sua ida para o Palácio das Artes?*

Eleonora – Em outubro de 1997, achei que já tinha dado a parte do trabalho que havia me proposto na FJP e resolvi sair. Fui para o Palácio das Artes com a intenção de dever cumprido. Assumi a área de capitação e marketing do PA. Foi a que vivi um estresse avassalador e fiquei fora de combate. Quando voltei, consegui R$ 950 mil da Telemig Celular para patrocinar o Palácio das Artes. Fiquei realmente um ano. Foi muito interessante porque o PA é uma usina de produção cultural, radicalmente diferente da prefeitura e da FJP.

***EM** – Hoje quais são suas atividades?*

Eleonora – Este ano voltei para a FJP. Estou trabalhando na edição de um livro de Marianne Nerth, "Decorações de uma vida Bela", uma espécie de diário dessa inglesa que se hospedou em Ouro Preto. Recebi convite para dar aulas na PUC, no curso de especialização em produção cultural. Dou também muitas palestras, na linha de formar novos produtores na área. E continuo com o Bureau Cultural, onde dou consultoria na área de incentivos fiscais, de formatação e venda de projetos.

***EM** – De onde vem o seu envolvimento com a cultura?*

Eleonora – Cresci num ambiente sempre envolvido com cultura. Tenho um irmão músico, uma irmã que é pianista, meu pai tocava violão, meu pai é da velha guarda da boemia e cantor, minha mãe toca piano. Casei com um intelectual, Carlos Antônio, filho de diplomata. Brinco que o Carlinhos é o alisíssimo repetirio, eu sou a produção de mesa. Eu sou muito mais prazer enorme ter tido essa sina de trabalhar na área de cultura.

***EM** – Com tantas atividades, sobra tempo para ter algum hobby?*

Eleonora – Acabo de descobrir um hobby que é cozinhar. Minha aspiração é forno e fogão. Meu ambiente mais agradável dentro de casa hoje é a cozinha. Chego na diversia, vou primeiro na estante de culinária. Gosto de receitas antigas, antes que se perdem. Curto reunir os amigos, comendo e bebendo do Dinho, falando sobre arte. É a hora que descansos.